

CAPÍTULO UM

Ao morrer naquele momento, o pai dele vencera novamente. *Sacana do velho!*

Dominic Corisi bateu com a porta do seu *Bugatti Veyron* preto e saiu do carro, pisando o passeio da ensolarada cidade de Boston sem sequer olhar para o veículo de um milhão de dólares. A alegria de o possuir extinguiu-se juntamente com a vontade de atender o toque incessante do telemóvel que vinha ignorando desde o dia anterior. Em vez de o desligar, abafara o som encafuando o aparelho num bolso interior do casaco e mantendo, assim, a ligação à sua vida como um farol distante.

Apesar do calor sufocante, deteve-se alguns instantes no primeiro degrau da sua velha casa de pedra castanha. O edifício não tinha nada de espetacular, a não ser a sua localização perto da popular rua Newbury. Se a memória não lhe falhava, as divisões eram pequenas e a escadaria central emitia um rangido que nunca chegara a mandar arranjar. Não tinha nada a ver com as mansões gigantescas que agora possuía em vários países um pouco por todo o mundo.

Contudo, era o mais próximo que tinha de um lar.

O telemóvel soou com um toque que não podia ignorar. *Jake*. O seu braço direito iria simplesmente continuar a ligar, arruinando qualquer hipótese que Dominic tivesse de encontrar um momento de paz dentro daquelas paredes de tijolo.

— Corisi — rosou para o telemóvel.

— Dominic, que bom que te apanhei — respondeu Jake Walton elegantemente, como se não tivesse tentado telefonar-lhe, sem

sucesso, vinte vezes nos últimos dois dias. Jake era mesmo assim, calmo e profissional, mesmo durante a tempestade de uma aquisição hostil. Nada perturbava aquele homem.

Normalmente, Dominic apreciava o temperamento calmo do amigo, mas hoje até isso o irritou. Talvez as cerca de 40 horas sem dormir estivessem a começar a fazer-se sentir. Travou o impulso de arremessar o telemóvel sobre o gradeamento de metal. O mundo não era o local ordenado e racional em que Jake gostava de o manter. Era confuso. Era feio. E, nos últimos tempos, carecia de justiça.

— Como está Boston?

A pergunta imbecil quase fez com que Dominic perdesse a compostura.

— O que é que te parece?

Provavelmente, seria demasiado esperar que o silêncio incaracterístico de Jake assinalasse o final de uma conversa que Dominic desejava ter conseguido evitar.

— Temos de discutir o contrato com os chineses. O ministro do Comércio está à espera de se reunir contigo amanhã para cimentarem os pormenores. Isto é o teu sonho, Dominic. Na semana que vem, a Corisi Enterprises será uma referência mundial. O que queres que diga ao ministro?

— Não sei — respondeu Dominic, cansado.

Jake emitiu um som que se situava algures entre um aperto e uma tossidela e depois ficou sem fala — uma reação reveladora para um homem que transbordava confiança quando tinha de lidar com diplomatas internacionais encolerizados. Era um homem que consertava tudo e navegava pelo inesperado com facilidade. Até àquele momento.

Pobre Jake. Nada na história que ambos partilhavam preparara qualquer deles para o desejo repentino que Dominic mostrara de se afastar do mundo. Os criadores de impérios financeiros não iam subitamente de férias e, claro está, não se escondiam, principalmente depois de terem lançado as bases do maior e mais arriscado negócio do século. O próprio Bill Gates telefonara-lhe na semana anterior para discutirem as ramificações das negociações.

— Jake, preciso de me manter fora do radar durante mais ou menos uma semana. Porque é que não tratas tu do contrato com os chineses?

— *O... o... o... kay* — disse Jake com estranheza. Noutra situação, a falta de compostura de Jake ter-lhe-ia parecido divertida.

— Consegues dar conta do recado ou não? — desafiou Dominic. Mal conseguia pensar com a cabeça a latejar com uma dor gritante.

Talvez vir para Boston tivesse sido um erro. Fora neste local, aos 17 anos, que desistira da sua herança e servira às mesas para financiar a busca da mãe. Aqui, neste mesmo edifício de pedra castanha, cultivara um ódio por um pai que negara tanto o seu envolvimento como o seu interesse pelo desaparecimento da esposa.

A voz de Jake arrastou bruscamente Dominic de volta para o presente.

— Não há qualquer problema. Tenho seguido os progressos que fizeste com a Agência Chinesa para a Promoção do Investimento. Eles estão ansiosos. Vou libertar a minha agenda e assumir os teus compromissos. Peço à Duhamel para reencaminhar todas as tuas chamadas para mim até ordem em contrário.

— Ótimo.

— Dom... — começou Jake, hesitante. — É normal precisarmos de tempo para estar de luto. Acabaste de perder o teu pai.

Uma risada áspera escapou a Dominic.

— Acredita em mim: não estou a chorar a perda dele. — Encostou a anca ao gradeamento de metal e ergueu os olhos para o edifício ao qual voltara instintivamente, em busca do homem que fora em tempos, com a esperança de encontrar ali qualquer coisa que o libertasse da apatia imobilizadora que sentia em relação a tudo o que fizera desde então; eram expectativas demasiado elevadas para um aglomerado de tijolos e papel de parede antiquado.

— É isso que me preocupa — disse Jake. — Independentemente dos planos que tinhas e do que ele te fez, agora foi-se embora. Tens de seguir em frente.

Jake pedia o impossível. É claro que o passado era importante. Por vezes, era a única coisa que importava.

— Faz lá o teu trabalho, Jake. Se não conseguires dar conta do recado, diz-me que eu promovo o Priestly para te ajudar.

Pela segunda vez desde que se tinham conhecido em Harvard, Jake enfureceu-se.

— Tretas, Dom! Queres enviar o Priestly para a China? Envia-o. Tens toda a razão: tornaste-me um homem muito rico. Não preciso disto. Mas ouve o que te digo: não vais ser milionário durante muito tempo se abandonarmos ambos o leme. Muita coisa depende deste contrato. Só os processos legais seriam o suficiente para congelar os teus bens se desses cabo disto. Investiste demasiado neste negócio e

agora estás a meter-te com os meninos crescidos. Os governos não são de perdoar em caso de recuos de última hora.

Aquele discurso devia ter acordado Dominic, mas mal chegou sequer a roçar o torpor que se instalara nele desde que recebera o telefonema do advogado do pai. De qualquer forma, para que é que lhe importava todo o dinheiro? Gastara quinze anos a construir um império que lhe permitiria impor um contrato de aquisição forçada sentado à enorme secretária de mogno do seu pai. Dominic devia ter feito alguma coisa anos antes, mas não havia nível de sucesso que lhe parecesse suficiente. Agira em ambas as frentes, construindo a sua empresa ao mesmo tempo que debilitava a do pai; trabalhando sempre em função do que seria a vitória absoluta. Dominic contara que o desespero do seu pai finalmente o forçasse a confessar o que acontecera, de verdade, à sua mãe.

Era essa perda que chorava hoje.

Em vez disso, recebera do advogado do pai um conjunto de instruções cuidadosamente orquestradas. Não, não lhe bastara simplesmente deserdar o filho; Antonio Corisi também incluía cláusulas no seu testamento que assegurassem que Dominic teria de estar presente durante a sua leitura. Usara a única fraqueza de Dominic, o seu único arrependimento, para reafirmar o controlo, mesmo a partir do túmulo.

Jake tossiu, recordando Dominic de que aguardava uma resposta. O que podia dizer? Como sempre, Jake estava certo na avaliação que fizera da situação. Dominic usara a sua riqueza pessoal bem como a dos outros investidores para financiar um empreendimento arriscado. O risco parecera-lhe compensar. O contrato governamental abrir-lhe-ia de par em par o mercado chinês do *software* e a sua influência a nível mundial iria aumentar exponencialmente. Era uma jogada ousada que, se fosse cuidadosamente implementada, poderia colocar a Corisi Enterprises numa estratosfera de poder que poucas empresas atingiam; um objetivo que, há uma semana, lhe parecia imperativo.

Jake conseguia dar conta das negociações. Dominic sempre fora aquele que avançava primeiro, desbravando terreno e abrindo o caminho. Desta vez, não seria diferente. Jake iria simplesmente assumir alguns documentos mais cedo. Priestly era bom a nível local, mas não era nenhum Jake.

— Uma semana, Jake. — Foi o mais perto de um pedido de desculpa que Dominic conseguiu produzir. Tinha a esperança de que fosse o suficiente.

Parecendo mais um irmão mais velho do que um parceiro de negócios, Jake disse:

— Descansa duas semanas, se precisares. Mas organiza as tuas ideias. Consigo ultimar o contrato com os chineses, mas no final será necessária a tua assinatura, bem como a tua presença. Vou fazer um comunicado de imprensa hoje e pedir aos meios de comunicação para respeitarem a tua necessidade de chorar a morte do teu pai em privado; isso deve dar-te pelo menos alguns dias antes de te começarem a chatear.

— Telefona ao Murdock. — *O homem deve-me alguns favores.*

— Estás a referir-te ao Murdock? Pensava que ele se tinha reformado.

Ab, aqui está a verdadeira diferença entre nós. Como não lutava nas trincheiras da guerra financeira, Jake conseguira manter contactos de negócios irrepreensíveis; porém, faltavam-lhe as ligações alternativas àqueles indivíduos aparentemente inócuos, mas que detinham uma influência internacional real. Dominic deu despreocupadamente a Jake um número de telefone pelo qual muitos teriam pago uma pequena fortuna pelo privilégio de o usarem uma única vez que fosse.

— Os homens como o Murdock não se reformam, delegam poderes a partir de climas mais quentes. Diz-lhe que nem sequer quero que dê uma volta a isto. É uma não notícia. Ele vai perceber.

Jake soltou um assobio baixinho em sinal de apreço.

— Há alguém que tu não conheças?

— Sim, tu, se me voltas a ligar hoje.

Jake riu, mas ambos sabiam que não tinha sido uma piada.

— Faz um favor a ti próprio, Dom... — continuou Jake num invulgar tom autoritário.

O que foi agora? Dominic suspirou.

— ... deixa o *Jack Daniels* por uma noite e pega numa daquelas modelos com quem gostas de sair. Vais dormir melhor.

Dominic grunhiu de forma evasiva e desligou o telefone. *Se ao menos fosse assim tão fácil.*

CAPÍTULO DOIS

Com os braços cheios de lençóis, Abby Dartley ficou petrificada assim que ouviu o estalido da porta da rua a abrir. *Bolas!* Não podia ser apanhada ali, principalmente envergando uma camisa demasiado grande e calças de ganga em vez do uniforme de empregada da sua irmã. *A Lil precisa deste emprego.* Limpar a casa de um homem que, na verdade, nunca a ocupava parecera-lhe uma forma relativamente simples, se bem que aborrecida, de ajudar a irmã a não perder o emprego.

— Não deixes que ninguém te veja — implorara-lhe Lil entre ataques de espirros que acompanhavam a sua febre baixa, mas persistente. — Eles despedem-me na hora se descobrirem que foste em meu lugar.

— Não podes simplesmente ligar a avisar que estás doente? — lembrava-se Abby de lhe ter sugerido, esperançosa.

— Já usei os dois dias a que tenho direito por doença para a Colby. — E fora então que as lágrimas tinham chegado.

Um ano antes, Abby teria permitido que a irmã acrescentasse mais um emprego perdido à longa lista de empregos que ela já experimentara e nos quais não fora bem-sucedida e teria coberto as suas despesas até ela encontrar um emprego novo. Havia passado por esse ciclo inúmeras vezes, o que resultava apenas num cada vez maior ressentimento de Lil para com Abby a cada ano que passava. A proximidade que tinham partilhado antes da morte dos pais era uma memória distante e surreal.

Abby pensara em pedir a Lil que saísse de casa, na esperança de que alguma separação desse a Lil a independência que ela dizia querer, mas isso fora até segurar a sua nova sobrinha nos braços. Já não era somente Lil quem estava em causa. Colby merecia uma mãe com uma carreira estável e Lil estava perto de conseguir proporcionar-lhe isso mesmo. Faltava-lhe apenas um semestre para terminar o curso de assistente administrativa. Até mesmo quando o pai de Colby a abandonara assim que soubera da gravidez, Lil não se desmoronara. Pela primeira vez desde que tinham recebido a notícia do acidente que ceifara a vida de ambos os pais, Lil não fugira das suas responsabilidades.

Colby mudara isso também.

Lil não tinha culpa de ter apanhado gripe. Metade da cidade parecia estar a recuperar desse mal ou então a ficar doente. Mais importante ainda, há muito tempo que Lil não lhe pedia, de facto, ajuda, em vez de simplesmente aceitá-la de má vontade. Abby não queria atribuir demasiado significado a uma ligação tão minúscula, mas não conseguia deixar de sentir a esperança de que as coisas pudessem melhorar entre elas.

A primeira impressão que teve dele quando o viu na entrada, sem se aperceber de que ela ali estava, foi que tinha um ar mais cansado do que um homem da idade dele deveria ter. Os círculos escuros eram evidentes mesmo sobre a sua tez cor de azeitona. O fato dispendioso não conseguia ocultar a forma como os ombros largos pendiam, descaídos. Segundo Lil, ele pagava para que limpassem a casa todas as semanas, mas não a visitava há mais de uma década. Algo o tinha trazido de volta e, fosse lá o que fosse, passara por cima dele como um buldózer.

Quando atravessou o vestíbulo, ele ergueu o olhar, mas não se fixou nela.

— Pode ir embora.

Abby pensou em seguir a ordem enfatiada que o homem emitira, mas houve algo que a manteve imóvel.

— É surda? Já disse que se pode ir embora. Acabe o que tem para acabar amanhã.

O Sr. Armani pareceu-lhe uma criança exausta, embora ela tivesse a certeza de que não teria apreciado essa comparação. O passo mais sensato teria sido fazer o que lhe fora ordenado e sair antes que ele tivesse a oportunidade de questionar a sua indumentária, mas Abby não conseguiu fazer isso.

Aquele homem parecia alguém que não devia estar sozinho.